

# Atribuição de acento em latim clássico: em defesa do troqueu irregular

Laura Rosane Quednau (UFRGS)



**ABSTRACT** – This is a study about stress in Latin. Once stress is interpreted within Metrical Phonology, we admit, according to Jacobs (1990, 1997), that the uneven trochee rather than the moraic trochee characterizes the stress system of Classical Latin. Simplicity guides the evolution from Classical to Vulgar Latin, going the stress system from uneven trochee to syllabic trochee.

**RESUMO** – Este estudo diz respeito ao acento do latim. Interpretado o acento à luz da Fonologia Métrica, admitimos, seguindo Jacobs (1990, 1997), que o troqueu irregular caracteriza melhor o latim clássico do que o troqueu mórico. A simplicidade conduz a evolução do latim clássico ao vulgar, passando o sistema acentual do troqueu irregular ao troqueu silábico.

## 1 Introdução

No presente trabalho, discutimos duas propostas de análise para o acento em latim clássico, a que tem por base o troqueu mórico e a que tem por base o troqueu irregular, argumentando em favor da segunda e desenvolvendo a idéia de que, na mudança acentual do latim clássico ao latim vulgar, o troqueu irregular é substituído pelo troqueu silábico.

---

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

---

• Leda Bisol (org.)

### INTRODUÇÃO A ESTUDOS DE FONOLOGIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

2001, 3ª Edição Revista, 254p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

**EDIPUCRS**

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL

[www.pucrs.br/edipucrs/](http://www.pucrs.br/edipucrs/)

E-mail [edipucrs@pucrs.br](mailto:edipucrs@pucrs.br)

Fone/Fax: (51) 3320.3523

## 2 Acento em latim clássico

Em latim, como em português, o acento não ultrapassa as três últimas sílabas da palavra. Ao contrário, porém, do português, o acento nunca recai sobre a última sílaba, não havendo, pois, oxítonos de mais de uma sílaba. Da mesma forma, todos os dissílabos são paroxítonos.

As palavras de três ou mais sílabas têm sua acentuação determinada pela quantidade da penúltima: quando esta é breve, o acento recua para a sílaba precedente, sendo a palavra proparoxítona; quando, porém, for longa a penúltima sílaba, sobre ela recai o acento, sendo a palavra paroxítona (Faria, 1970, p. 135; Michaëlis de Vasconcelos, 1956, p. 256; Williams, 1975, p. 15-16; Nunes, 1969, p. 33; Ilari, 1992, p. 74). Seguem-se exemplos:

- (1) • palavras de três ou mais sílabas:
- a) com a penúltima longa:  
*fidélis, fortitúdo, religiósus, magístra, turbulénta.*
  - b) com a penúltima breve:  
*fácilis, fémína, amicítia, víola, impérium.*
- palavras de duas sílabas:  
*sílva, úmbra, rósa, hómo, líber.*
- palavras monossílabas:  
*spé, sús, sól, vír, cór.*

## 3 Acento em latim vulgar

O acento em latim vulgar recai normalmente sobre a mesma sílaba que era portadora do acento em latim clássico. Há, no entanto, deslocamentos em três situações principais (Maurer Jr., 1959, p.68-69; Williams, 1975, p. 16; Ilari, 1992, p. 74-75):

a) Vogal da penúltima sílaba seguida de um grupo consonântico de *oclusiva + r* em palavras de três ou mais sílabas. Em latim clássico, a posição do acento depende nesse caso da quantidade da vogal, seguindo a regra de acentuação geral do latim clássico: *inté-grum, tónitrum, álacrem, ténébras, colóbra*. Já em latim vulgar, o acento cai sempre na penúltima sílaba: *intégrum, toníttrum, alácrem, tenébras, colóbra*.

b) Casos de recomposição (compostos). Em latim clássico, a acentuação dessas formas se regia pela mesma regra de quantidade da penúltima sílaba que se observava nas palavras simples. Isso quer dizer que, se o último elemento dissilábico de um composto tinha a primeira sílaba breve, o acento tônico deste recuava para a

antepenúltima sílaba, portanto para o primeiro elemento; em latim clássico, geralmente um prefixo: *cóntinet, récipit*. Já em latim vulgar, recupera-se a acentuação da palavra simples, o que equivale a deslocar o acento dos afixos para o radical, ou seja, *cóntinet* é reanalisado em *cum + ténét*, prevalecendo a acentuação da forma simples *ténét, contínet*.

c) *ĕ* ou *ī* (breves) em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve. Em latim clássico, as vogais *ĕ* ou *ī* (breves) eram acentuados de acordo com a regra de quantidade latina: *muliere, filiólus, lintéolum*. Já em latim vulgar, o acento desloca-se para a vogal seguinte: *muliere, filiólus, linteóolum*.

## 4 Atribuição de acento em latim clássico

Para a atribuição de acento, precisamos, além do tipo de pé, de outros parâmetros. Todas as línguas românicas têm proeminência relativa à direita. Dessa forma, dentro do constituinte, ou seja, o pé métrico binário, o cabeça é à esquerda (troqueu), mas, dentro da palavra, a proeminência relativa é à direita (Regra Final)<sup>1</sup>. A construção dos pés deve dar-se da direita para a esquerda, como ocorre em toda língua de recursividade à direita; não-iterativamente, ou seja, constrói-se um único pé. É necessário lembrar ainda que só a penúltima e a antepenúltima sílabas da palavra, a contar da direita, têm condições de receber o acento, já que em latim há apenas proparoxítonas e paroxítonas; por isso, a sílaba final é sempre extramétrica. Temos, então os seguintes parâmetros:

- (2) Parâmetros do acento em latim clássico
- a) Tipo de pé: troqueu mórico.<sup>2</sup> (Hayes, 1992) / troqueu irregular<sup>3</sup> (Jacobs, 1990, 1997)

<sup>1</sup> A Regra Final cria um novo constituinte na linha final da grade métrica, atribuindo acento ao cabeça de pé mais à esquerda ou mais à direita na palavra, dependendo da língua em questão.

<sup>2</sup> Troqueu mórico (Hayes, 1992):

$$\begin{matrix} (x \cdot) & & (x) \\ \underline{x} & & \underline{x} \end{matrix}$$

ou

O troqueu mórico leva em consideração a distinção entre sílabas leves e pesadas, ou seja, conta as moras de que as sílabas são constituídas. No primeiro caso, duas sílabas leves, cada uma correspondendo a uma mora, formam um pé, com cabeça à esquerda; no segundo caso, uma sílaba pesada, correspondendo a duas moras, forma sozinha um pé. Os sistemas de acento que optam pelo troqueu mórico são sensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda, ou um único constituinte, no caso de sílabas pesadas.

<sup>3</sup> Troqueu irregular:

$$\begin{matrix} (x \cdot) & & (x) \\ \sigma^- & & \sigma \end{matrix} \text{ ou } \begin{matrix} (x) \\ \sigma \end{matrix} \text{ onde } \sigma \text{ é pesada.}$$

- b) Direção de escansão: da direita para a esquerda
- c) Regra Final: à direita
- d) Construção dos pés: não-iterativamente
- e) Extrametricidade: sílaba final

Com base nos parâmetros acima, adotaremos as seguintes regras de construção de constituintes para a atribuição de acento em latim clássico:

- (3) Regras de atribuição de acento em latim clássico
- a) Marque a sílaba final como extramétrica (EX).
  - b) Da direita para a esquerda, construa um único troqueu (TR) - mórico (TM) / irregular (TI).
  - c) Aplique a Regra Final (RF).

Daqui por diante, quando nos referirmos às regras em (3), utilizaremos EX, TR ou TM/TI e RF para, respectivamente, (3a), (3b) e (3c).

#### 4.1 Acento em palavras de três ou mais sílabas

Em palavras de três sílabas ou mais, o acento em latim é atribuído à penúltima sílaba se esta for pesada; se a penúltima for leve, à antepenúltima, independentemente do seu peso. Vejamos como se pode dar conta disso sob duas análises, a do troqueu mórico e a do troqueu irregular, seguindo as regras em (3):

- (4) a) Escansão dos pés pelo troqueu mórico

	mã gīs tram	tem pēs tā tem	im pē rī um
EX	<tram>	<tem>	<um>
TM	(x)	(x)	(x .)
RF	( x )	( x )	( x )

Esse pé é chamado de *troqueu irregular*, porque os dois lados do pé podem ser desiguais, como em / ^ ^ / (pé constituído por uma sílaba pesada mais uma sílaba leve), ou iguais, como em / ^ ^ / (pé constituído por duas sílabas leves), ou ainda ser constituído por apenas uma sílaba, que deve ser pesada. Essa proposta (de Hayes, 1981) foi abandonada posteriormente por Hayes (1992), sendo substituída pela do troqueu mórico.

	ã nĩ mam	sãn guĩ nem	flũ mĩ na
EX	<mam>	<nem>	<na>
TM	(x .)	(x)	(x)
RF	( x )	( x )	( x )

- b) Escansão dos pés pelo troqueu irregular

	mã gīs tram	tem pēs tā tem	im pē rī um
EX	<tram>	<tem>	<um>
TI	(x)	(x)	(x .)
RF	( x )	( x )	( x )

	ã nĩ mam	sãn guĩ nem	flũ mĩ na
EX	<mam>	<nem>	<na>
TI	(x .)	(x .)	(x .)
RF	( x )	( x )	( x )

Como vemos nos exemplos acima, em palavras de três sílabas ou mais, o troqueu mórico e o troqueu irregular fazem as mesmas predições de acento, resultando estruturas métricas iguais no caso de palavras com a penúltima pesada, (x) em *magīstram* e *tempestātem*, e no caso de palavras com a penúltima leve e a antepenúltima leve, (x .) em *impēriūm* e *ánimam*, mas estruturas métricas diferentes no caso de palavras com a penúltima leve e a antepenúltima pesada, (x) (troqueu mórico) e (x .) (troqueu irregular) em *sānguīnem* e *flūmīna*. Essa diferença de estrutura métrica será discutida de forma mais detalhada na seção 5.

#### 4.2 Acento em palavras de duas sílabas

Em palavras dissílabas, que recebem acento sempre na penúltima sílaba, podemos encontrar uma das quatro seqüências abaixo, considerando a distinção entre sílabas leves e pesadas:

- (5) a) / ^ ^ /      b) / ^ ^ /      c) / ^ ^ /      d) / ^ ^ /

Uma vez que a sílaba final é extramétrica em latim, a escansão em pés das seqüências (5a) e (5b) é problemática, pois a sílaba que sobra é leve e formaria um pé degenerado, o que não é permitido em latim. Por outro lado, as seqüências (5c) e (5d) não apresentam problemas, pois, mesmo com extrametricidade da sílaba final, a sílaba que sobra forma um pé canônico.

Hayes (1992, p. 108) propõe que nos casos de seqüências do tipo / ~ σ / (ou seja, (5a) e (5b)), as palavras recebam acento de superfície por um processo de *incorporação*, ou seja, um pé degenerado é construído, mas imediatamente reparado pelo acréscimo da sílaba extramétrica. Isso cria um pé canônico / ' ~ ~ / no caso de (5a), mas um pé não-canônico / ' ~ - / no caso de (5b).<sup>4</sup> Esse problema é resolvido através de um processo de encurtamento muito comum em latim e que pode ser atestado através dos textos poéticos latinos, sendo encarado como uma regra opcional mas bastante produtiva.

(6) Encurtamento Iâmbico (EI)

/ ' ~ - / → / ' ~ ~ /

Nas palavras afetadas por EI, a sílaba final terminada em vogal longa (ou seja, sílaba pesada) é convertida em sílaba leve.

Mester (1994, p. 16) levanta uma questão importante sobre o Encurtamento Iâmbico, que considera interagir com a exigência geral de extrametricidade da sílaba final em latim. Ao perder-se a extrametricidade, devido à inclusão da sílaba final no domínio do acento, não fica claro por que o pé não é erigido na sílaba final (antes de ocorrer o Encurtamento Iâmbico), já que a Regra Final em latim se aplica à direita. Isso resultaria acento final, como (7a), ao invés do resultado desejado (7b):

- |     |    |       |    |         |
|-----|----|-------|----|---------|
| (7) | a) | ( x ) | b) | ( x )   |
|     |    | ( x ) |    | ( x . ) |
|     |    | *homō |    | homō    |

A solução apontada por Mester para essa questão se ampara em uma análise mais refinada da extrametricidade e consiste em interpretá-la como um conjunto ordenado de preferências: sob extrametricidade, é melhor para uma sílaba final permanecer completamente não-escandida; se a escansão não puder ser evitada (devido a uma restrição dominante que persiste no *status* de palavra prosódica), a opção seguinte é que essa sílaba não seja cabeça de pé; a pior solução é tal sílaba final ser indicada como cabeça de pé (o que acontece somente quando inteiramente inevitável, como em monossílabos). A extrametricidade final, então, pode ser vista como uma explicação da idéia tradicional de que finais de palavras tendem a constituir posições *prosodicamente fracas*. Mester (1994, p.

<sup>4</sup> O sinal ' indica que a sílaba seguinte é acentuada.

17) apresenta o ordenamento dessas duas restrições relacionadas com extrametricidade final como segue:

- (8) Extrametricidade da sílaba final: <σ> #  
 Para σ #: a) evite cabeça de pé,  
 b) evite escansão.

Em (8) a extrametricidade é dividida em duas restrições separadas, com a proibição do *status* de cabeça de pé (8a) ordenada acima da proibição de inclusão de pé (8b): uma violação de (8a) é mais custosa do que uma violação de (8b). Retornando ao exemplo (7a) e (7b), notamos que as restrições como propostas em (8) resolvem o problema. A necessidade de um pé canônico implica que a penúltima sílaba leve, sozinha, não pode constituir um pé. Isso força a inclusão da sílaba final no pé, em violação de (8b); é ainda preferível obedecer a (8a) e manter o cabeça de pé fora da sílaba final, resultando (7b) ao invés de (7a).

Considerando todas as observações feitas até agora sobre palavras dissílabas em latim, vejamos como ficam as estruturas métricas dessas palavras.

Para a atribuição do acento em palavras com as seqüências (5a) e (5b), propomos o acréscimo de mais duas regras às regras em (3):

- (9) a) Se a sílaba que sobra não constituir um pé canônico, mas um pé degenerado, incorpore material extramétrico, considerando o ordenamento da atuação das restrições em (8) (IN).  
 b) Aplique a regra de Encurtamento Iâmbico se houver contexto para tal (seqüência / ~ - /) (EI).

A aplicação das regras em (3), com o acréscimo das regras em (9), produz as estruturas métricas abaixo:

(10)	a)	Seqüência / $\sim\sim$ /	b)	Seqüência / $\sim\sim$ /
		ro sa      lu pa <sup>5</sup>		ho mo      si mul
EX		- <~>      - <~>	EX	- <~>      - <~>
TR		* (x)      *(x)	TR	* (x)      *(x)
IN		-      -	IN	-      -
EI		(x .)      (x .)	EI	* (x .)      *(x .)
RF		(x )      (x )	RF	(x .)      (x .)
				(x )      (x )
	c)	Seqüência / $\sim\sim$ /	d)	Seqüência / $\sim\sim$ /
		sil va      um bra <sup>6</sup>		man da      lau do
EX		- <~>      - <~>	EX	- <~>      - <~>
TR		(x)      (x)	TR	(x)      (x)
IN		-      -	IN	-      -
EI		-      -	EI	-      -
RF		(x )      (x )	RF	(x )      (x )

Note-se que, em (10a) e em (10b), a condição para a formação de um troqueu não foi satisfeita, o que é indicado pelo asterisco no pé degenerado; por isso, a incorporação do material extramétrico (9a) é necessária. No caso de (10b), ainda não satisfeita a condição, uma vez que o material extramétrico incorporado constitui uma sílaba pesada, a regra de Encurtamento Iâmbico (9b) é aplicada. Por outro lado, em (10c) e em (10d), não há necessidade de aplicação das regras em (9a) e em (9b), pois a sílaba que sobra (após marcar-se a sílaba final como extramétrica) preenche as condições para a formação de um pé troqueu canônico.

Para a atribuição do acento em palavras dissílabas em latim, o troqueu, seja mórico seja irregular, produz resultados iguais, pois a seqüência formada por duas sílabas leves ( $\sim\sim$ ), exemplos (10a) e (10b), têm a mesma estrutura métrica, (x .), em ambas as análises; isso também ocorre em relação aos exemplos (10c) e (10d), cujo pé que se forma sob uma sílaba pesada ( $\sim$ -) apresenta a mesma estrutura métrica, (x), tanto através do troqueu mórico quanto do troqueu irregular.

<sup>5</sup> A desinência -a em latim pode ser breve (correspondendo a uma sílaba leve) ou longa (correspondendo a uma sílaba pesada) dependendo do caso da palavra em questão, nominativo ou ablativo, respectivamente. Nesses exemplos estamos considerando que as palavras estão no caso nominativo.

<sup>6</sup> A mesma observação feita anteriormente sobre a desinência -a de *rosa* e *lupa* vale para esses exemplos.

### 4.3 Acento em palavras monossílabas

Em latim, não há palavras monossílabas lexicais formadas por uma sílaba leve. Em palavras monossílabas lexicais, vogais longas e ditongos podem ocorrer em posição final, mas vogais curtas somente podem ocorrer quando seguidas por, no mínimo, uma consoante. Vejamos alguns exemplos:

- (11) a) spē  
 b) bōs, iūs, mās, ōs (ōris), pēs, sāl, sōl, sūs  
 c) vīr, mēl, fēl, cōr, ōs (ossis), rēm, spēm

Dos monossílabos que constam em (11), todos recebem acento, seja por terminarem em vogal longa (exemplo (11a) - padrão CCVV), seja por terminarem em consoante (exemplos (11b) e (11c) - padrão CVVC e CVC, respectivamente, dependendo da quantidade da vogal). Portanto, as palavras monossílabas lexicais são sempre pesadas, isto é, em latim não são admitidos pés degenerados. Partículas enclíticas, como -quē, -nē, -vē, não recebem acento, uma vez que constituem monossílabos leves, terminados em uma sílaba curta.

Vejamos agora como ficam as estruturas métricas dos monossílabos a partir da aplicação das regras em (3).

(12)	spē	bōs	sāl	vīr	rēm
EX					
TR	(x)	(x)	(x)	(x)	(x)
RF	(x)	(x)	(x)	(x)	(x)

Para a atribuição do acento de monossílabos em latim, a adoção do troqueu mórico ou do troqueu irregular produz os mesmos resultados, ou seja, um pé formado por uma única sílaba pesada, cuja estrutura métrica é (x).

## 5 Em defesa do troqueu irregular

Admitimos que o pé que caracteriza o padrão acentual em latim clássico é o troqueu irregular, com base nos seguintes argumentos (Jacobs, 1990, 1997): primeiro, o processo de síncope pode ser entendido como apagamento do membro fraco de um pé; segundo, a redução de vogal, uma das partes envolvidas no processo de síncope, é típica de línguas caracterizadas por pés de duração irregular; terceiro, a evolução do latim clássico para o latim vulgar

pode ser vista como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado.

Entretanto, diferentemente do autor, que refere a mudança de um sistema marcado para um não-marcado em relação à evolução do latim clássico para o francês antigo, atribuindo acento lexicalizado ao latim vulgar, em nossa visão, a mudança de sistema marcado para não-marcado se dá na evolução do latim clássico para o latim vulgar, caracterizado esse pelo troqueu silábico.

### 5.1 Síncope em latim

A mais conhecida síncope que ocorreu em latim vulgar apagou as vogais penúltimas postônicas em proparoxítonas<sup>7</sup>. Silva Neto (1946, p. 140) afirma que a queda da vogal postônica é um dos caracteres mais sugestivos do latim vulgar. Os exemplos são inúmeros; a tendência é geral e repete-se hoje nos dialetos. Dentre as citações do *Appendix Probi*, encontramos algumas que atestam a queda da vogal postônica.<sup>8</sup>

(13)	<i>speculum non speclum</i>	<i>calida non calda</i>
	<i>masculus non masclus</i>	<i>oculus non oclus</i>
	<i>vernaculus non vernaclus</i>	<i>tabula non tabla</i>
	<i>articulus non articlus</i>	<i>stabulum non stablum</i>
	<i>angulus non anglus</i>	<i>viridis non virdis</i>
	<i>iugulus non iuglus</i>	<i>tribula non tribla</i>

Pelo fato de ser um processo que faz referência ao acento, a síncope presta-se para justificar a motivação de que um determinado tipo de pé caracteriza uma língua. Vejamos como isso se dá em latim. Em palavras de três sílabas ou mais, o acento em latim clássico é atribuído à penúltima sílaba se esta for pesada; se a penúltima for leve, à antepenúltima, independentemente do seu peso; a sílaba final nunca é acentuada, sendo, portanto, extramétrica. Vejamos como ficam as estruturas métricas de algumas das palavras apresentadas em (13) sob uma análise pelo troqueu irregular (14a), e sob uma análise pelo troqueu mórico (14b). As vogais afetadas pelo processo de síncope encontram-se sublinhadas. Nas

<sup>7</sup> Segundo Nunes (1969, p. 13), a queda da vogal postônica ocorria já em latim clássico, continuando a ocorrer em latim vulgar. Em nosso entendimento, isso significa que o processo tomou como forma-base a forma clássica.

<sup>8</sup> *Appendix Probi*: curioso glossário anônimo destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta da língua que deveriam estar se tornando comuns. O texto do *Appendix Probi* encontra-se em Silva Neto, 1946.

representações abaixo, EX = Marque a sílaba final como extramétrica; TI / TM = Da direita para a esquerda, construa um único troqueu (irregular (TI) / mórico (TM)); RF = Aplique a Regra Final.<sup>9</sup>

#### (14) a) Escansão dos pés pelo troqueu irregular

	ān gŭ lum	trī bŭ lam
EX	<lum>	<lam>
TI	(x .)	(x .)
RF	(x )	(x )

	ō cŭ lum	vī rī dem
EX	<lum>	<dem>
TI	(x .)	(x .)
RF	(x )	(x )

#### b) Escansão dos pés pelo troqueu mórico

	ān gŭ lum	trī bŭ lam
EX	<lum>	<lam>
TM	(x)	(x)
RF	(x )	(x )

	ō cŭ lŭm	vī rī dem
EX	<lum>	<dem>
TM	(x .)	(x .)
RF	(x )	(x )

Uma vez que o troqueu irregular e o troqueu mórico são igualmente bem-sucedidos no que diz respeito à atribuição de acento em latim clássico, produzindo resultados iguais, é necessário verificar se há evidência em favor da constituição de pé pelo troqueu irregular, de acordo com a qual formas tais como *angulum* e *tribulam*, por um lado, e *oculum* e *viridem*, por outro, têm estrutura métrica idêntica, (x.); ou se há motivação independente que sustente a diferença de constituição de pé entre formas como *angulum* e *tribulam*, por um lado, e *oculum* e *viridem*, por outro, pelo troqueu mórico, (x) e (x.), respectivamente. É em situações como essa que a síncope desempenha papel fundamental. Se um processo desse tipo trata tais formas da mesma maneira, deve haver evi-

<sup>9</sup> Resolvemos colocar todos os exemplos no caso *acusativo*, caso do latim vulgar que deu origem ao léxico na maioria das línguas românicas.

dência para a estrutura métrica idêntica, de acordo com o troqueu irregular; todavia, se um processo discrimina essas formas, isso argumenta em favor da estrutura métrica diferente, de acordo com o troqueu mórico.

As formas resultantes desse processo são *anglu* < *angulum*, *tribla* < *tribulam*, *oclu* < *oculum*, *virde* < *viridem*. De acordo com as representações (14a), a síncope pode ser entendida como apagamento do membro fraco de um pé. Entretanto, em (14b) não é possível fazer essa generalização, uma vez que há diferença de constituição entre os exemplos, formando-se uma estrutura do tipo (x) quando a antepenúltima sílaba é pesada, e do tipo (x .) quando a antepenúltima sílaba é leve. Como diz Jacobs (1990), há motivação independente para a constituição de pé baseada no troqueu irregular, como mostra (14a), pois, assim, a síncope pode ser entendida como um processo baseado no pé.

Se o processo de síncope trata as vogais da penúltima sílaba de *angulum*, *tribulam*, *oculum* e *viridem* da mesma forma (ocorre queda da vogal nos três exemplos), não há motivação independente para a diferença em estrutura métrica como sucede numa análise pelo troqueu mórico ((x) para *angulum* e *tribulam*, e (x .) para *oculum* e *viridem*, em (14b)). Além disso, como a penúltima sílaba de *angulum* e *tribulam* não recebe escansão, pois é pulada para evitar pés degenerados, seriam necessárias, sob uma análise pelo troqueu mórico, duas regras para abarcar as proparoxítonas com antepenúltima sílaba leve e pesada: apagamento do membro fraco do pé e apagamento da sílaba pulada. Sob uma análise pelo troqueu irregular, uma só regra, apagamento do membro fraco do pé, dá conta da síncope.

O processo de síncope, como demonstrado acima, aplicando-se depois de sílabas pesadas e leves indistintamente, só pode ser analisado como apagamento na posição fraca de um pé se um troqueu com expansão trimétrica, isto é, o troqueu irregular, for permitido, o que não ocorre de acordo com a proposta métrica de Hayes (1992). Com efeito, a síncope só pode ter como alvo posições fracas do pé se tanto a seqüência de uma sílaba pesada mais uma sílaba leve (totalizando três moras, como em *angulum* e *tribulam*) quanto a seqüência de duas sílabas leves (totalizando duas moras, como em *oculum* e *viridem*) constituírem troqueus quantitativos lícitos.

## 5.2 Redução de vogal

O segundo argumento em defesa do troqueu irregular para atribuição de acento em latim clássico diz respeito ao fato de a redução de vogal, uma das partes envolvidas no processo de síncope, ser típica de línguas de agrupamento de duração irregular.<sup>10</sup> Segundo Hayes (1992, p. 80), o agrupamento métrico de seqüências que compõem o inventário de pés proposto por ele (troqueu silábico, troqueu mórico e iambo) deriva de duas leis gerais do ritmo, agrupadas sob o nome de Lei Iâmbico-Trocaica:

### (15) Lei Iâmbico-Trocaica

- a) Elementos que contrastam em intensidade naturalmente formam agrupamentos com proeminência inicial.
- b) Elementos que contrastam em duração naturalmente formam agrupamentos com proeminência final.

Seguindo essa lei, pés acentuados inicialmente tendem a constituir unidades iguais em duração. Essas unidades podem ser sílabas, caso do troqueu silábico, ou moras, caso do troqueu mórico. Por outro lado, um pé com contraste de duração inerente pode ser mais bem construído agrupando uma sílaba leve com uma pesada, que é a forma máxima do iambo.

Quando não há contraste de duração, o agrupamento métrico é denominado *trocaico* ou *agrupamento de duração regular*; em caso de contraste de duração, o agrupamento métrico é denominado *iâmbico* ou de *agrupamento de duração irregular*. O troqueu mórico, o troqueu silábico e o iambo obedecem claramente a essa lei, pois os dois primeiros não têm contraste de duração e têm proeminência inicial; já o terceiro apresenta contraste de duração e tem proeminência final. Por outro lado, o troqueu irregular não obedece a essa lei, pois, embora apresente contrastes de duração, tem proeminência inicial. Portanto, este é um pé marcado, uma vez que se desvia da Lei Iâmbico-Trocaica.

De acordo com Hayes (1992, p. 83), fenômenos como alongamento e redução de vogal, que aumentam o contraste de duração, são típicos de línguas que têm agrupamento de duração irregular e proeminência final, ou seja, línguas de ritmo iâmbico. Esses fenômenos, entretanto, de forma geral, não ocorrem em línguas de ritmo trocaico, que formam agrupamentos com proeminência inicial, uma vez que eles aniquilariam a duração regular que é característica do ritmo trocaico. Isso significa que uma língua que apresente

<sup>10</sup> Pressupomos a ocorrência da redução de vogal antes do apagamento, no processo de síncope, mas, neste trabalho, não nos deteremos na redução.

redução de vogal é mais bem analisada por um pé de duração irregular. Esse pé, no caso do latim clássico, é o troqueu irregular, um pé com proeminência inicial, o contrário de um pé de duração irregular, decorrente do ritmo iâmbico.

### 5.3 O acento na evolução do latim clássico para o latim vulgar

O terceiro argumento em favor do troqueu irregular diz respeito à possibilidade de descrever a evolução da estrutura métrica do latim clássico para o latim vulgar como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado.<sup>11</sup>

Devido ao processo de síncope, que apagou as vogais penúltimas postônicas em proparoxítonas, e ao fato de as distinções de quantidade vocálica terem sido substituídas por distinções de qualidade, as últimas duas sílabas das palavras em latim vulgar consistiram em uma sílaba que era extramétrica em latim clássico e um pé acentuado monossílabo, resultante de um pé dissílabo cujo membro fraco foi apagado por síncope. Essas duas sílabas passaram a ser interpretadas, em latim vulgar, como um único pé insensível à quantidade, com cabeça à esquerda, ou seja, um troqueu silábico.<sup>12</sup> Assim, o acento em latim vulgar pode ser analisado pela atribuição de um troqueu silábico (TS) da direita para a esquerda e pela aplicação da Regra Final (RF). Vejamos, então, como ficam as estruturas métricas de alguns exemplos de palavras resultantes do processo de síncope. Ressaltamos que agora a sílaba final não é mais extramétrica.<sup>13</sup>

(16)	an glu (< āngŭ<lum>)	tri bla (< trībŭ<lam>)
TS	(x .)	(x .)
RF	(x )	(x )
	o clu (< ōcŭ<lum>)	vir de (< vīrī<dem>)
TS	(x .)	(x .)
RF	(x )	(x )

<sup>11</sup> Apesar de ter coexistido com o latim clássico, o latim vulgar é considerado um segundo estágio para fins de descrever as mudanças que estavam se processando na língua.

<sup>12</sup> Troqueu silábico (Hayes, 1992):

(x .)  
σ σ

O troqueu silábico é um pé com duas sílabas, com proeminência inicial e que não faz distinção entre sílabas leves e pesadas. Os sistemas de acento que optam pelo troqueu silábico são insensíveis ao peso silábico, com constituintes binários de cabeça à esquerda.

<sup>13</sup> A regra do acento em latim vulgar não inclui a extrametricidade como regra geral, embora admitamos que possa existir lexicalmente.

Essa evolução poderia ser descrita, dentro da proposta de 1992, de Hayes, como uma evolução de um troqueu mórico com extrametricidade da sílaba final (latim clássico) para um troqueu silábico sem extrametricidade da sílaba final (latim vulgar). Entretanto, uma vez que o troqueu irregular é um pé marcado por se desviar da lei do ritmo iâmbico, já que tem duração irregular e proeminência inicial, e o troqueu silábico é um pé não-marcado por se adequar à lei do ritmo trocaico, já que tem duração regular e proeminência inicial, seria muito interessante expressar a mudança na regra de acento do latim clássico para o latim vulgar como uma evolução de um sistema de acento marcado para um não-marcado, o que não é possível de se fazer dentro da proposta de 1992, de Hayes, porque o troqueu mórico não é inerentemente mais ou menos marcado do que o troqueu silábico.

É interessante observar que, nas palavras resultantes do processo de síncope, há duas situações diferentes em relação à estrutura silábica: penúltima sílaba leve e ataque da sílaba seguinte ramificado, como em *oculum* > *oclu*, *tabulam* > *tabla*, *tribulam* > *tribla* e outros; penúltima sílaba pesada, isto é, com rima ramificada: *viridem* > *virde*, *calidum* > *caldu*, e outros. Pode-se concluir, então, que o processo de síncope acarretou a ramificação da rima da penúltima sílaba. O que observamos, então, é que mudanças que ocorrem no nível de representação onde a estrutura do pé é expressa e que resultam uma simplificação daquela estrutura acarretaram rimas ramificadas, terminadas em consoante. Portanto, houve uma simplificação na estrutura do pé (de marcado para não-marcado) e uma complicação na estrutura da sílaba, uma vez que esta passou de leve a pesada nos casos de ramificação da rima. Jacobs (1992, p. 68-69) traz uma explicação interessante para esse fato. Dada a estrutura representacional da Fonologia Não-linear, a manipulação da estrutura de um nível prosódico pode tomar lugar independentemente dos outros níveis prosódicos. Para o caso que estamos analisando, isso significa que, como a síncope é formulada como um processo baseado no pé, espera-se que esse processo se aplique independentemente das considerações de estrutura da sílaba.

Como atenta Jacobs (1990, p. 102), uma evidência de que o fator determinante para a síncope foi, de fato, uma redução na marcação do sistema pode ser constatada a partir de palavras em que uma mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba tomou lugar antes do processo de síncope, como, por exemplo, em *integrum* > *intégru* > *entier* (*inteiro*, em português). Nessas palavras, o acento deve ter sido movido para a penúltima sílaba; como conseqüência, a ditongação da vogal da penúltima sílaba tomou lugar.

É o caso também de *cáthedram* > *cathédra* > *cadeira*. A mudança de acento nesses casos pode ser vista como uma tendência em direção à paroxítonia. Esses casos restringem-se a três situações principais, em que ocorre essa mudança de acento da antepenúltima (latim clássico) para a penúltima (latim vulgar): a) quando a vogal da penúltima sílaba é breve em latim clássico e seguida de um grupo consonântico de *occlusiva* + *r* em palavras de três ou mais sílabas; *tênebras* > *tenébra*; b) em casos de recomposição: *cóntinet* > *contínet*; c) quando há um *ē* ou *ī* breves em hiato na antepenúltima sílaba, com uma vogal seguinte breve: *mulierem* > *muliére* (Maurer Jr., 1959, p. 68-69; Williams, 1975, p. 16; Ilari, 1992, p. 74-75).

A tendência em direção à paroxítonia, revelada pela mudança de acento da antepenúltima para a penúltima sílaba, é confirmada pela transformação de proparoxítonas em paroxítonas através da síncope. Admitindo que o pé do latim vulgar seja insensível à quantidade, podemos fazer uma análise adequada do fato através do troqueu silábico. Vejamos mais alguns exemplos (a) *intégru* (<íntē<grum>), *tenébra* (<tēñē<bras>), *muliére* (<mūñīē<rem>); b) *triclínu* (<triclīñī<um>), *mórtu* (<mōrtū<um>), *cárdu* (<cārdū<um>); c) *amóre* (<amō<rem>), *cabállu* (<cabāl<lum>), *matúru* (<matū<rum>)) com suas respectivas escansões métricas, onde TS = troqueu silábico e RF = Regra Final.<sup>14</sup>

(17) a)	in te gru	b) tri cli nu	c) a mo re
TS	( x . )	( x . )	( x . )
RF	( x )	( x )	( x )
	te ne bra	mor tu	ca bal lu
TS	( x . )	( x . )	( x . )
RF	( x )	( x )	( x )
	mu li e re	car du	ma tu ru
TS	( x . )	( x . )	( x . )
RF	( x )	( x )	( x )

Em (17a) apresentamos exemplos em que houve mudança de acento da antepenúltima para a penúltima; em (17b), exemplos em que houve queda da vogal átona em hiato; em (17c), exemplos em que o acento permaneceu na mesma posição que em latim clássico (penúltima sílaba).

<sup>14</sup> Esses exemplos foram tomados do *Appendix Probi* (Silva Neto, 1946, p. 129-256), de Maurer Jr. (1959, p. 16, 19, 68-69) e de Tarallo (1990, p. 99).

Isso indica que uma análise do latim clássico pelo troqueu irregular e do latim vulgar pelo troqueu silábico permite expressar a evolução do latim clássico para o latim vulgar como uma mudança de um sistema de acento marcado para um não-marcado, ou seja, do troqueu irregular para o troqueu silábico.

## 6 Conclusões

O troqueu irregular é o pé mais adequado para caracterizar o padrão acentual do latim clássico, uma vez que permite declarar a síncope como um processo baseado no pé, pois, como o troqueu irregular não leva em conta o peso da sílaba-cabeça, as proparoxítonas com antepenúltima sílaba leve ou pesada recebem estrutura métrica igual, (x .), o que torna possível que se interprete o apagamento da vogal penúltima postônica como apagamento do membro fraco de um pé. Outro motivo para a opção pelo troqueu irregular para o latim clássico é que redução de vogal, uma das partes envolvidas no processo de síncope, é típica de línguas caracterizadas por pés de duração irregular. Por conseguinte, a evolução do latim clássico para o latim vulgar, representada pela passagem de um pé troqueu irregular para um troqueu silábico, é uma mudança em direção à simplicidade, que vai de um sistema de acento marcado para um não-marcado.

## Referências bibliográficas

- FARIA, Ernesto. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. (2. reimpr.). Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- HAYES, Bruce. *A metrical theory of stress rules*. Indiana University Linguistics Club, Bloomington, Indiana, 1981.
- . *Metrical stress theory: principles and case studies*. Draft, 1992.
- ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- JACOBS, Haike. On markedness and bounded stress systems. *The Linguistic Review*, n. 7, p. 81-119, 1990.
- . The interaction between syllable structure and foot structure in the evolution from Classical Latin to Old French. In: LAEUFER, Christiane (ed.). *Theoretical analyses in Romance linguistics: selected papers from the Nineteenth Linguistic Symposium on Romance Languages* (1989). The Ohio State University, 21-23 April 1989. Current issues in linguistic theory, v. 1, Amsterdam, John Benjamins, 1992.
- . Latin enclitic stress revisited. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 4, p. 648-661, 1997.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MESTER, R. Armin. The quantitative trochee in Latin. *Natural Language & Linguistic Theory*. n. 12, p. 1-61, 1994.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das lições práticas de português arcaico*. Lisboa, Nova Edição da 'Revista de Portugal' - série A - Língua Portuguesa, 1956.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa - fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa: Clássica, [1969].

QUEDNAU, Laura Rosane. *O acento do latim ao português arcaico*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

———. *O acento do latim ao português arcaico*. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000. In: LEFFA, Wilson J. (compilador). 2000. TELA - Textos em Linguística Aplicada. Pelotas, Educat. CD-ROM.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do latim vulgar (o Appendix Probi)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português - fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.